

FASUL EDUCACIONAL **(Fasul Educacional EaD)**

PÓS-GRADUAÇÃO

EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE EM DEFICIÊNCIA VISUAL E SISTEMA BRAILLE

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

EDUCAÇÃO ESPECIAL COM ÊNFASE EM DEFICIÊNCIA VISUAL E SISTEMA BRAILLE

DISCIPLINA: FUNDAMENTOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL
RESUMO Neste material os seguintes assuntos serão abordados: análise do conceito de deficiência, diferença e diversidade e os discursos de normal, normalidade e anormal, inclusão e exclusão. Estudo dos princípios emanados pela Declaração Mundial de Educação para Todos, Declaração de Salamanca, Convenção de Guatemala, Declaração de Jomtien, Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência; análise das últimas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e definição das terminologias utilizadas para o público-alvo da Educação Especial.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 DISCURSOS DE NORMAL E ANORMAL – HISTÓRICO O CONCEITO DE NORMALIDADE NAS DIFERENTES CULTURAS INCLUSÃO E EXCLUSÃO OS PADRÕES DA SOCIEDADE A DIVERSIDADE E O RESPEITO AO DIFERENTE
AULA 2 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL PERSPECTIVA ASSISTENCIALISTA SEGREGAÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL MARCOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL ORGANIZAÇÃO ATUAL
AULA 3 AS PRIMEIRAS CONQUISTAS LEGAIS LEI N. 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961 A CONSTITUIÇÃO DE 1988 LDB 9.394/96 – GARANTIAS PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL LEI 12.796/2013
AULA 4 DECLARAÇÃO MUNDIAL DA EDUCAÇÃO PARA TODOS DECLARAÇÃO DE SALAMANCA CONVENÇÃO DA GUATEMALA DECRETO N. 3.956/2001 CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
AULA 5 POLÍTICA NACIONAL DA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA INCLUSIVA DIREITOS DAS PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) LIBRAS ALTAS HABILIDADES OU SUPERDOTAÇÃO

TERMINOLOGIAS UTILIZADAS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

AULA 6

DECRETO N. 5.626/2005

NOTA TÉCNICA N. 46/2013

NOTA TÉCNICA N. 06/2011

NOTA TÉCNICA N. 09/2010

APARECER TÉCNICO N. 71/2013

BIBLIOGRAFIAS

- CAMARGO, E. P. de. Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlases e desenlaces. Ciênc. Educ., Bauru, v. 23, n. 1, p. 1-6, 2017.
- SABBATINI, R. M. E. A história da terapia por choque em Psiquiatria. Revista Cérebro e Mente, 2016. Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br/n04/historia/shock.htm>. Acesso em: 19 ago. 2018.
- THOMA, A. da S. Entre normais e anormais: invenções que tecem inclusões e exclusões das alteridades deficientes. In: PELLANDA, N. M. C.; SCHLÜNZEN, E.; SCHLÜNZEN, K. (Orgs.). Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

DISCIPLINA:

LIBRAS

RESUMO

Ouvir é uma importante fonte de experiências sociais. Nenhuma incapacidade produz tantas dificuldades específicas em relação à comunicação e à linguagem do que a deficiência auditiva. Aprendemos a falar, a compreender a fala dos outros, a comunicar experiências e ideias; assim, podemos repassar o que ouvimos. Nesta disciplina veremos que é principalmente por meio da audição que adquirimos a linguagem, característica mais marcante ao ser humano. Não ter acesso à linguagem é não desenvolver em toda plenitude a capacidade linguística; é perder o direito de ser pessoa, em toda a abrangência da palavra. Os surdos estabelecem um sistema linguístico e, por meio do processamento das informações visuais-verbais, poderão acessar a simbolização e os conceitos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS

MITO: LÍNGUA DE SINAIS ÚNICA E UNIVERSAL

SURDO NO BRASIL

DIA NACIONAL DA LIBRAS

AULA 2

INTRODUÇÃO

ALGUNS CONCEITOS DE IDENTIDADE E COMUNIDADES SURDAS

CULTURA SURDA

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

ESCOLAS PARA SURDOS

AULA 3

INTRODUÇÃO

LITERATURA VISUAL PARA O ENSINO DE LIBRAS

LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

DESENVOLVIMENTO DAS ETAPAS DE ENSINO DA L1 PARA SURDOS

EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS

AULA 4

INTRODUÇÃO

COMO TRABALHAR COM SURDOS?

BREVE PANORAMA DAS LEIS EM VIGÊNCIA NO BRASIL

O CURRÍCULO E O DECRETO N. 5.626/2005

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E PARCERIA ENTRE PROFESSOR E TRADUTOR

INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS (TILS)

AULA 5

INTRODUÇÃO

O SURGIMENTO DA PROFISSÃO NO BRASIL

PORTARIA N. 1.679, DE 2/12/1999 – MEC – ACESSO AO ENSINO SUPERIOR,

ATUALIZADA PELA PORTARIA N. 3.284, DE 7/11/2003

PRESSUPOSTOS DA INCLUSÃO

A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA EM RELAÇÃO AO ALUNO SURDO

AULA 6

INTRODUÇÃO

ANÁLISE HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO

POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E O ATENDIMENTO EDUCACIONAL

ESPECIALIZADO

BIBLIOGRAFIAS

- GOLDFELD, M. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo: Plexus, 1997.
- JANNUZZI, G. S. M. A. Educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI. Campinas: Autores Associados, 2004.
- PESSOTTI, I. Deficiência mental: da superstição à ciência. São Paulo: Queroz/EDUSP. 1984.

DISCIPLINA:

DEFICIÊNCIA VISUAL E PRÁTICAS INCLUSIVAS

RESUMO

A deficiência visual, no Brasil, está presente em cerca de 18% da população, de acordo com o Censo de 2010. Dentre as pessoas que compõem a população brasileira, 24% declararam ter algum tipo de deficiência, sendo que, dessas, mais de 78% têm deficiência visual, ou seja, a maior parcela de pessoas com deficiência em nosso país é composta por deficientes visuais (IBGE, 2010). Esses dados mostram um número expressivo de pessoas que necessitam de melhores condições de vida, no que se refere a acessibilidade,

reabilitação, lazer ou convivência social, ou seja, há uma parcela significativa da população que precisa de atendimento na área de deficiência visual. No decorrer da história da humanidade, a deficiência foi percebida de diversas formas e as pessoas com deficiência foram, por muito tempo, excluídas da sociedade, confinadas e até mortas, por serem consideradas inaptas para o convívio social. A deficiência, caracterizada por uma alteração anormal de uma estrutura física, sensorial ou patológica, quando ocorre no sistema óptico humano, pode causar a cegueira total, ou apresentar limitações severas, evidenciando a baixa visão.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

CONCEITOS SOBRE DEFICIÊNCIA
CARACTERIZAÇÃO DA DEFICIÊNCIA VISUAL
PRINCIPAIS CAUSAS DA DEFICIÊNCIA VISUAL
DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL E NO MUNDO

AULA 2

O DEFICIENTE NA HISTÓRIA
SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO DO DEFICIENTE VISUAL
A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL
A EDUCAÇÃO PARA A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO BRASIL
INTEGRAÇÃO X INCLUSÃO

AULA 3

O PROCESSO ALFABETIZAÇÃO E A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL
O SISTEMA BRAILLE
MÃOS QUE LEEM
A ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DO SISTEMA BRAILLE
MAIS RECURSOS PARA AUXILIAR A ALFABETIZAÇÃO EM BRAILLE

AULA 4

TECNOLOGIA ASSISTIVA
TIFLOTECNOLOGIA
RECURSOS PARA A PESSOA COM BAIXA VISÃO
RECURSOS FACILITADORES POR MEIO DA AUDIÇÃO
RECURSOS TÁTEIS – A VISÃO NA PONTA DOS DEDOS

AULA 5

OM – O QUE É? PARA QUE SERVE?
CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA APRENDIZAGEM DE OM
DESENVOLVIMENTO DAS OUTRAS PERCEPÇÕES PARA OM
PROGRAMAS DE OM PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL
OM E EDUCAÇÃO INCLUSIVA – CURRÍCULO E AVALIAÇÃO

AULA 6

PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO VISUAL
AVALIANDO A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL
ESTIMULAÇÃO PRECOCE: QUANTO ANTES, MELHOR!

PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO
PROGRAMA DE ESTIMULAÇÃO VISUAL

BIBLIOGRAFIAS

- BRUNO, M. M. G.; MOTA, M. G. B. da. Colaboração: Instituto Benjamin Constant. Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual. vol. 1, fascículos I – II – III. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2001.
- GUHUR, M. L. P. A representação da deficiência mental numa perspectiva histórica. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 2, p. 75-84, 1994. Disponível em: http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista2numero1_pdf/r2_art07.pdf. Acesso em: 20 abr. 2018.
- MISÉS, R. A criança deficiente mental: uma abordagem dinâmica. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

DISCIPLINA:

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

RESUMO

Nas últimas décadas, o direito de todos à educação vem sendo debatido de forma integral. Isso quer dizer que o sistema educacional, estratégias metodológicas e ações educacionais estão sendo revistas e atualizadas. Uma das principais mudanças é o foco na inclusão escolar. Veremos todos os contextos e abordagens referentes ao atendimento educacional especializado nos diferentes níveis e modalidades de ensino nesta disciplina.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INCLUSÃO ESCOLAR NOS CONTEXTOS COMUM E ESPECIAL: O PAPEL DO PROFESSOR

EDUCAÇÃO ESPECIAL NO CONTEXTO DA ESCOLA INCLUSIVA: AÇÕES COLABORATIVAS

EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM MEDIADA

METODOLOGIAS EXPOSITIVA E DIALÉTICA

METODOLOGIAS ATIVAS

AULA 2

A PESSOA COM DEFICIÊNCIA

CONCEPÇÃO DE DEFICIÊNCIA, TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO E ALTAS HABILIDADES

HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E CONVENÇÕES MUNDIAIS: INCLUSÃO ESCOLAR

DIRETRIZES EDUCACIONAIS INCLUSIVAS NO BRASIL

ASPECTOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL INSERIDOS NO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO: 2011-2020

AULA 3

O PAPEL DOCENTE NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

ORGANIZAÇÃO DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS: MATERIAIS

ORGANIZAÇÃO DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS: AVALIAÇÃO

ORGANIZAÇÃO DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS: O PLANO DE

ATENDIMENTO

ORGANIZAÇÃO DA SALA DE RECURSOS: ATENDIMENTO

AULA 4

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM SURDEZ

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E BAIXA VISÃO

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO PARA ALUNOS COM TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO

AULA 5

ACESSIBILIDADE E DESENHO UNIVERSAL PARA APRENDIZAGEM

RECURSOS PEDAGÓGICOS ACESSÍVEIS E COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AUMENTATIVA

TECNOLOGIA ASSISTIVA NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS AOS ALUNOS COM ALTAS

HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

MATERIAL DIDÁTICO: ALUNOS COM SURDOCEGUEIRA

AULA 6

CONCEPÇÃO DE AVALIAÇÃO

AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR: ÁREA DA DEFICIÊNCIA

AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR: ÁREA DOS TRANSTORNOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO

AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR: ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

PLANEJAMENTO NA FLEXIBILIZAÇÃO: METODOLÓGICA, AVALIATIVA E/OU CURRICULAR

BIBLIOGRAFIAS

- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- GAROFALO, D. Como as metodologias ativas favorecem o aprendizado. Nova Escola, 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/11897/comoas-metodologias-ativas-favorecem-o-aprendizado>. Acesso em: 27 set. 2019.
- MENDES, E. P.; VILARONGA, C. A. R.; ZERBATO, A. P. Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar. São Carlos: EDUFScar, 2014.

DISCIPLINA:
EDUCOMUNICAÇÃO

RESUMO

A Educomunicação está fundada claramente na realidade de que mídias de massa entram nas casas dos alunos e nos portões das escolas diariamente, sem pedir licença. Bem, isso é verdade, e talvez seja um pouco assustador para muitos professores, entretanto é uma boa ideia descobirmos como esses meios se formaram e atuam em nossa comunidade.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
INDÚSTRIA CULTURAL
CULTURA DE MASSA
MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO EXTENSÕES DO HOMEM
MEIOS COMUNICACIONAIS ATUAIS

AULA 2

INTRODUÇÃO
CINEMA
TELEVISÃO
MÚSICA
REDES SOCIAIS

AULA 3

INTRODUÇÃO
O SUJEITO NA PÓS-MODERNIDADE
OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA ESCOLA PÓS-MODERNA
GLOCAL
RELAÇÃO PRODUÇÃO-CONSUMO NO SÉCULO XXI

AULA 4

INTRODUÇÃO
EDUCOMUNICAÇÃO E O CONSUMO NA SOCIEDADE
ALUNO CONSUMISTA
A ESCOLA EM MEIO AO CONSUMO
CONSUMO EDUCOMUNICACIONAL

AULA 5

INTRODUÇÃO
EDUCOMUNICAÇÃO NA CIDADE
EDUCOMUNICAÇÃO NO CAMPO
EDUCOMUNICAÇÃO E DIREITOS HUMANOS
EDUCOMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

AULA 6

INTRODUÇÃO
TÉCNICAS DE APLICAÇÃO: O PROFESSOR
TÉCNICAS DE APLICAÇÃO: ALUNOS
TÉCNICAS DE APLICAÇÃO: TRABALHOS EM EQUIPE
TÉCNICAS DE APLICAÇÃO: INDIVIDUALMENTE

BIBLIOGRAFIAS

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz & Terra, 2011.
- BAUMAN, Z. Vida para consumo. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

- BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Porto Alegre: L&PM, 2018.

DISCIPLINA:
TECNOLOGIAS ASSISTIVAS

RESUMO

Iremos discutir alguns aspectos históricos e conceituais acerca das tecnologias de uma forma geral, para que possamos refletir sobre as tecnologias assistivas, que se mostram como artefatos que viabilizam autonomia e acessibilidade para pessoas com deficiência. Ao tratar dessa temática, é importante pensar sobre o papel da tecnologia no nosso próprio cotidiano, na sociedade e nas diferentes culturas. Da mesma forma, é necessário compreender o quanto os recursos tecnológicos influenciam nossas vivências, nossos relacionamentos e as formas de interagirmos uns com os outros.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

O QUE É TECNOLOGIA ASSISTIVA?

BREVE HISTÓRICO DA TECNOLOGIA ASSISTIVA

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

DESENHO UNIVERSAL

AULA 2

INTRODUÇÃO

CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

EDUCAÇÃO ESPECIAL NA LEGISLAÇÃO

DOCUMENTOS INTERNACIONAIS

AULA 3

INTRODUÇÃO

SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

AEE PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA

AEE PARA ESTUDANTES COM TEA

AEE PARA ESTUDANTES COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

AULA 4

INTRODUÇÃO

DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E TECNOLOGIA ASSISTIVA

COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AUMENTATIVA

SISTEMAS GRÁFICOS

DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS E SISTEMAS PARA CAA

AULA 5

INTRODUÇÃO

ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE

AUDIODESCRIÇÃO E CÃO-GUIA

PRODUTOS DE ALTA TECNOLOGIA E DEFICIÊNCIA VISUAL

TECNOLOGIA ASSISTIVA NA ÁREA DA SURDEZ

AULA 6

INTRODUÇÃO

ÓRTESES

PRÓTESES E MEIOS AUXILIARES DE LOCOMOÇÃO

ADAPTAÇÕES NO COMPUTADOR

PROJETOS ARQUITETÔNICOS PARA ACESSIBILIDADE

BIBLIOGRAFIAS

- FELIPE, A. A. C. Reflexões sobre as mudanças sociais motivadas pelo desenvolvimento tecnológico: a necessidade de instituir uma reflexão ética na utilização das tecnologias da informação e comunicação. *Biblionline*, João Pessoa, v. 8, n. 2, 2012.
- FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2010. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- POKER, R. B.; OMOTE, S. (Org.). *As tecnologias nas práticas pedagógicas inclusivas*. Marília/SP: Cultura Acadêmica, 2012. p. 65-92.

DISCIPLINA:

EDUCAÇÃO INCLUSIVA APLICADA AS DEFICIÊNCIAS – VISUAL, AUDITIVA, FÍSICA E INTELECTUAL

RESUMO

É impossível tratar de inclusão na esfera educacional sem mencionar a Educação Especial. É por meio dela que a caminhada rumo à educação inclusiva se inicia. Dessa forma, será possível perceber que, apesar de ser uma necessidade social inerente, a inclusão, na maioria das vezes, não acontece de forma adequada. Para que isso ocorra, é necessário, primeiramente, que a sociedade entenda a diferença como uma característica construtiva que tende a agregar valores e um novo olhar sobre o meio em que estamos inseridos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

O QUE É EDUCAÇÃO INCLUSIVA?

HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL

DÉCADA DE 1970, UM MARCO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

TRAJETÓRIA POLÍTICA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL

DEFICIÊNCIA – CLASSIFICAÇÃO E CONCEITUAÇÃO

AULA 2

AS DIFERENTES NECESSIDADES ESPECIAIS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

DEFICIÊNCIA VISUAL

DEFICIÊNCIA AUDITIVA

DEFICIÊNCIA FÍSICA

DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

AULA 3

O QUE É ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E A QUEM ELE SE DESTINA

POLÍTICA EDUCACIONAL DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA

EDUCAÇÃO INCLUSIVA
RECURSOS EDUCACIONAIS ESPECIALIZADOS
RECURSOS EDUCACIONAIS DIRECIONADOS AOS DIFERENTES TIPOS DE DEFICIÊNCIA
ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA DOS PROFISSIONAIS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

AULA 4

PANORAMA ATUAL DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA
OS PARADIGMAS E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA
EQUIPE MULTIDISCIPLINAR, UM DIÁLOGO POSSÍVEL
A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE INCLUSÃO
OS DESAFIOS DA ESCOLA

AULA 5

APRENDIZAGEM E NEUROPLASTICIDADE
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO AMBIENTE EDUCATIVO
DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E A DEFICIÊNCIA
DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM X TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM
TIPOS DE TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM

AULA 6

DOENÇAS CRÔNICAS E O AMBIENTE ESCOLAR
TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM – DISGRAFIA
DISLEXIA
DISCALCULIA DO DESENVOLVIMENTO
TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)

BIBLIOGRAFIAS

- VIGOTSKY, L. S. Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2010. (Série Pensamento e Ação no Magistério).
- POLÍTICA Nacional de Educação especial na perspectiva da Educação inclusiva, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf> Acesso em: 22 jul. 2018.
- PAN, M. A. G. de S. O direito à diferença: uma reflexão sobre deficiência intelectual e educação inclusiva. Curitiba: InterSaberes, 2013.

DISCIPLINA:

TRANSTORNOS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

RESUMO

Começamos nossos estudos procurando apresentar um pouco o aprender. Aprender é o verbo de ação que dá origem ao substantivo aprendizagem. Isso significa que aprendizagem é o ato de aprender. Há um esforço. Há uma ação que pode ser definida como ato de interação entre o sujeito e o que será aprendido. Dessa forma, precisamos desvendar um pouco como se realiza a aprendizagem. Na verdade, procuraremos apresentar algumas concepções, ou seja, modos de apresentar a condição de aprender.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

PSICOLOGIA COMPORTAMENTAL
PSICOLOGIA DA FORMA/FIGURA
PSICOLOGIA COGNITIVA
PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E PSICOGÊNESE

AULA 2

INTRODUÇÃO
DIFICULDADES/PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM
TRANSTORNOS/DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM
CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE DOENÇAS (CID 11)
MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS (DSM-5)

AULA 3

INTRODUÇÃO
FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: PERÍODOS HISTÓRICOS
LESÕES CEREBRAIS
TRANSTORNOS DO NEURODESENVOLVIMENTO

AULA 4

INTRODUÇÃO
PLASTICIDADE NEURAL E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM
NEUROTRANSMISSORES
PROCESSOS NEUROLÓGICOS DA APRENDIZAGEM
ARQUITETURA NEURONAL NA INFÂNCIA

AULA 5

INTRODUÇÃO
DISLEXIA
DISGRAFIA E DISORTOGRAFIA
DISCALCULIA
TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)

AULA 6

INTRODUÇÃO
DISLALIA E O PAPEL DO MEDIADOR
DISLEXIA E ESTIMULAÇÃO
DISGRAFIA, DISORTOGRAFIA, DISCALCULIA E A APRENDIZAGEM
TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH): CAMINHOS POSSÍVEIS

BIBLIOGRAFIAS

- BASSO, C. M. Algumas reflexões sobre o ensino mediado por computadores. Disponível em: http://coral.ufsm.br/lec/02_00/Cintia-L&C4.htm.
- TERRA, M. R. O desenvolvimento humano na teoria de Piaget. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>. Acesso em: 24 jun. 2018.

- NETTO, A. P.; COSTA, O. S. A importância da psicologia da aprendizagem e suas teorias para o campo do ensino-aprendizagem. Fragmentos de cultura, v. 27, n. 2, p. 216-224, 2017.

DISCIPLINA:
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

RESUMO

A aprendizagem é uma função que integra corpo, mente e psique, possibilitando a apropriação da realidade pelo indivíduo, de forma subjetiva. Tudo o que somos é uma soma de aprendizagens ao longo da nossa própria existência e de toda a nossa história. Cada aprendizagem foi realizada através de uma interação: seja uma pessoa que nos ensinou, um vídeo, um livro, um material didático – sempre há um mediador. O processo de aprendizagem tem no cérebro sua matriz. Várias estruturas cerebrais estão envolvidas nesse complexo evento, e diferentes aprendizados se dão em diferentes locais do cérebro, que, apesar de serem partes distintas, trabalham em uma unidade, como um sistema funcional. O cérebro é responsável por receber, decodificar e interpretar estímulos e também coordenar todas as funções cognitivas, como memória, atenção, raciocínio, emoção, linguagem, percepção etc.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

COGNIÇÃO E AFETIVIDADE
O CÉREBRO E A APRENDIZAGEM
TRANSTORNOS E DIFICULDADES: RECONHECENDO AS DIFERENÇAS
DIFICULDADES E PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM
TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM

AULA 2

A VISÃO DA NEUROPSICOLOGIA SOBRE A DISLEXIA
CLASSIFICAÇÕES DA DISLEXIA
DEFININDO O QUADRO DA DISLEXIA
REPERCUSSÕES DA DISLEXIA
INTERVENÇÕES EM SALA DE AULA

AULA 3

SOBRE A DISORTOGRAFIA
COMO DIFERENCIAR A DISORTOGRAFIA DA DISLEXIA?
INTERVENÇÕES NO QUADRO DE DISORTOGRAFIA
SOBRE A DISGRAFIA
REPERCUSSÕES E INTERVENÇÕES NA DISGRAFIA

AULA 4

DEFINIÇÃO E DIFERENÇAS DE TDA E TDAH
PREVALÊNCIA E ETIOLOGIA
IDENTIFICANDO O TDA E O TDA/TDAH EM SALA DE AULA
AS POLÊMICAS DO TDAH
INTERVENÇÕES EM SALA DE AULA

AULA 5

DEFININDO O ESPECTRO AUTISTA
QUADRO CLÍNICO E SINAIS INDICADORES DE TEA
DIFERENÇAS DE NÍVEIS DE AUTISMO: O AUTISMO LEVE (SÍNDROME DE ASPERGER)
APRENDIZAGEM E AUTISMO
INTERVENÇÕES EDUCATIVAS

AULA 6

MEMÓRIA E APRENDIZAGEM
TRANSTORNOS DA MEMÓRIA
PROBLEMAS EMOCIONAIS E APRENDIZAGEM
ELUCIDAÇÕES SOBRE O DISTÚRBO DO PROCESSAMENTO AUDITIVO CENTRAL
PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS NA SÍNDROME DE DOWN

BIBLIOGRAFIAS

- ARANTES, V. Afetividade e cognição: rompendo a dicotomia na educação. In: OLIVEIRA, M. K.; TRENTO, D.; REGO, T. (Org.). Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002. Disponível em: http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm#_ftn1.
- ALEXANDER Romanovich Luria. Wikipedia, 16 jun. 2018b. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexander_Luria. Acesso em: 07 dez. 2022
- BARTHOLOMEU, D.; SISTO, F. F.; MARIN RUEDA, F. J. Dificuldades de aprendizagem na escrita e características emocionais de crianças. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 1, p. 139-146, abr. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000100016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 dez. 2022.

DISCIPLINA:

NEUROEDUCAÇÃO E NEURODIDÁTICA COMO O CÉREBRO APRENDE

RESUMO

Nesta disciplina serão apresentadas noções de educação, de didática e de neurodidática, de práticas de ensino e de práticas educacionais para o exercício pleno de processos cognitivos de ensino e de aprendizagem.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
PERSPECTIVAS SOCIAIS E HUMANISTAS E SEU IMPACTO SOBRE O CÉREBRO DOS(AS) ESTUDANTES
DA DIDÁTICA À NEURODIDÁTICA
PLANEJAMENTO COM O CÉREBRO EM MENTE
MODALIDADES DE EDUCAÇÃO E O CÉREBRO

AULA 2

INTRODUÇÃO
MEMÓRIAS
PERCEPÇÃO
PERCEPÇÃO VISUAL E ILUSÕES

ABSTRAÇÃO

AULA 3

INTRODUÇÃO

EMOÇÕES POSITIVAS E NEGATIVAS E EMOÇÕES ESTÉTICAS

EMOÇÕES ESTÉTICAS: A ARTE NA EDUCAÇÃO

EMOÇÕES FICTÍCIAS (MAKE-BELIEVE EMOTIONS)

EMOÇÕES MORAIS E EMOÇÕES CONTRAFACTUAIS

AULA 4

INTRODUÇÃO

EMOÇÕES E CONSCIÊNCIA

ESTADO DE VIGÍLIA, ATENÇÃO PLENA E COMPORTAMENTO INTENCIONAL

EMOÇÃO E TOMADA DE DECISÃO

CONSCIÊNCIA E LINGUAGEM

AULA 5

INTRODUÇÃO

GAMIFICAÇÃO

JOGOS/GAMES

PERSPECTIVAS ANALÓGICAS, DIGITAIS E VIRTUAIS COABITANDO CENÁRIOS (I)

PERSPECTIVAS ANALÓGICAS, DIGITAIS E VIRTUAIS COABITANDO CENÁRIOS (II)

AULA 6

INTRODUÇÃO

DORMIR E UM CÉREBRO SAUDÁVEL

COMER E O CÉREBRO SAUDÁVEL

EXERCÍCIOS E COGNIÇÃO

MOVIMENTO E COGNIÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- BROUSSEAU, G. Introdução ao estudo das situações didáticas: conteúdos e métodos de ensino. São Paulo: Ática, 2008.
- CANDAU, V.; KOFF, A. M. N. S. A didática hoje: reinventando caminhos. Educação e Realidade. v. 40, n. 2, Porto Alegre, abr./jun. 2015.
- SAVIANI, D. Pedagogia: O espaço da Educação. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 130, p. 13-14, jan./abr. 2007.

DISCIPLINA:

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS, PEDAGÓGICOS E CIENTÍFICOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

RESUMO

Ao longo da história, podemos observar diversas maneiras de entender as diferenças físicas, sensoriais e intelectuais entre as pessoas. Aspectos como costumes, crenças, cientificidade e marcos legais influenciam o entendimento do conceito de Educação Especial. Isso porque diferentes épocas produzem suas próprias interpretações do real, ou seja, a realidade do vivido se altera historicamente. Porém, temos de nos atentar para o fato de que, no âmbito das diferenças, as deficiências sempre existirão, independentemente

da compreensão que determinada época ou sociedade construa acerca delas. Rodrigues e Maranha (2010) analisam que a compreensão do outro em suas diferenças, ou o fato de que todos os seres humanos são distintos em diversos níveis significa aceitarmos a busca de opções para nos comunicarmos com interação e, concomitantemente, promovermos o desenvolvimento social coletivo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

O CONCEITO DE DEFICIÊNCIA
DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA AO FEUDALISMO
DO ABSOLUTISMO AO PROCESSO DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL NO SÉCULO XIX
O PERÍODO CONTEMPORÂNEO
TRAJETÓRIA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA HISTÓRIA DO BRASIL

AULA 2

PREDOMÍNIO DAS IDEIAS INATAS
A PROPOSTA FILOSÓFICA DE INCLUSÃO SOCIAL DA DÉCADA DE 1990
TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

AULA 3

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS
DECLARAÇÃO DE JOMTIEN
DECLARAÇÃO DE SALAMANCA
CONVENÇÃO DA GUATEMALA
DOCUMENTOS DO SÉCULO XXI

AULA 4

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL
O DEBATE CONTEMPORÂNEO SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL
O CONCEITO DE NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS
LEGISLAÇÃO BRASILEIRA: MARCOS LEGAIS

AULA 5

OS PRIMÓRDIOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL SOB A INFLUÊNCIA DA MEDICINA
O CONCEITO DE DEFICIÊNCIA POR MEIO DA PERSPECTIVA DE AUTONOMIA E NORMALIDADE
DEFICIÊNCIAS, NORMALIDADES E NORMATIVIDADES
O CONCEITO DE METACONTINGÊNCIA
O CONCEITO DE METACONTINGÊNCIA COMO INSTRUMENTO PARA PRÁTICA CULTURAL INCLUSIVA

AULA 6

HELENA ANTIPOFF E A PSICOLOGIA MODERNA
O PROBLEMA DA CRIANÇA “EM PERIGO MORAL”
O CONCEITO DE PEDAGOGIA DAS DIFERENÇAS
COMO O CURRÍCULO E A FORMAÇÃO SE CONSTROEM A PARTIR DO CONCEITO DE DIFERENÇA?
GLOSSÁRIO DE TERMOS USADOS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL (MEC)

BIBLIOGRAFIAS

- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria do Desporto. Deficiência física: a realidade brasileira cria, recupera e discrimina. Brasília, DF, 1991.
- FIGUEIRA, E. Caminhando em silêncio: uma introdução à trajetória das pessoas com deficiência na história do Brasil. São Paulo: Giz Editorial, 2008.
- SILVA, O. M. A epopeia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje. São Paulo: Cedas, 1987.

DISCIPLINA:
METODOLOGIAS ATIVAS

RESUMO

A educação é um meio único para trazer mudanças sociais, porém, devido às diversas mudanças na sociedade, surge a necessidade de introduzir mudanças também no sistema educacional. Neste contexto, as metodologias devem oportunizar o cumprimento dos objetivos desejados. Sendo assim, para que os estudantes se tornem participativos, torna-se fundamental a adoção de metodologias que os envolvam e atividades cada vez mais criativas e elaboradas. Nesse sentido, para tratar dessas possibilidades as Metodologias Ativas se tornam essenciais, pois a partir delas se concebe a sala de aula como um espaço vivo, de trocas, resultados e pesquisas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

O QUE É ENSINO?

METODOLOGIAS DE ENSINO

METODOLOGIAS ATIVAS: CONCEITUAÇÃO

SURGIMENTO DAS METODOLOGIAS ATIVAS: CONTEXTO HISTÓRICO

AULA 2

INTRODUÇÃO

METODOLOGIAS ATIVAS E TEORIAS DA APRENDIZAGEM

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – CONCEITO

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – HISTÓRICO

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E SUA RELAÇÃO COM AS METODOLOGIAS ATIVAS

AULA 3

INTRODUÇÃO

METODOLOGIAS ATIVAS E FORMAÇÃO DOCENTE

METODOLOGIAS ATIVAS E TECNOLOGIAS

METODOLOGIAS ATIVAS E A FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS

TIPOS DE METODOLOGIAS ATIVAS

AULA 4

INTRODUÇÃO

CULTURA DIGITAL

APRENDER COM TECNOLOGIAS: NOVOS CAMINHOS

A SALA DE AULA HOJE: ESPAÇOS DIVERSOS

METODOLOGIAS ATIVAS, ENSINO A DISTÂNCIA E ENSINO HÍBRIDO

AULA 5

INTRODUÇÃO

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

O ALUNO E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM

O PAPEL DO PROFESSOR NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

METODOLOGIAS ATIVAS COMO ESTRATÉGIA PARA UMA EDUCAÇÃO MAIS INCLUSIVA

AULA 6

INTRODUÇÃO

ESTUDO DE CASO E SALA DE AULA INVERTIDA

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS

GAMIFICAÇÃO, DESIGN THINKING E CULTURA MAKER

METODOLOGIAS ATIVAS E AVALIAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- MORAN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, C. A. de; MORALES, O. E. T. (Org.) Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II. PG: Foca FotoPROEX/UEPG, 2015. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando_moran. Acesso em: 20 ago. 2018.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- HENGEMÜHLE, A. Formação de professores: da função de ensinar ao resgate da educação. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.